

Revista Seleções do Reader's Digest e as campanhas de controle demográfico no interior da guerra fria *

Lenita Jacira Farias Raad**

Resumo

As décadas de 60 e 70 foram marcadas por uma inquietante preocupação com o excessivo crescimento da população mundial. Neste contexto, a revista Seleções do Reader's Digest, uma literatura de massa, adotou e divulgou um discurso controlista e pessimista, amparando-se na ameaça da superpopulação e da expansão comunista. Analisar a participação da revista nessa campanha antinatalista é o objetivo deste trabalho.

Palavras chave: Seleções do Reader's Digest – explosão demográfica – controle da natalidade – Guerra Fria.

Abstract

The 1960s and 1970s witnessed a growing concern with the prospects of a population boom. Catering to a wide readership, the Reader's Digest magazine adopted and spread a pessimistic discourse favoring population control that linked the threat of overpopulation to the communist expansion. The purpose of this article is to analyze the magazine's engagement in this campaign for population control.

Keywords: Readers' Digest; population boom; birth control; Cold War

O padrão de vida das gerações de hoje é miseravelmente baixo. A menos que diminua o índice de natalidade, é quase certo que este padrão baixará ainda mais, até o ponto em que a miséria humana porá afinal um freio à procriação – provavelmente não antes de a democracia ter sido alijada em favor de uma forma qualquer de ditadura – muito possivelmente a ditadura comunista.¹

A citação em epígrafe faz parte do artigo publicado em abril de 1960 pela revista Seleções e representa o pensamento dos neomalthusianos², assim como a posição assumida pela revista diante do perigo de uma iminente explosão populacional.

A década de sessenta e início dos anos setenta do século XX, foram marcados por uma profunda preocupação com o excessivo crescimento da população mundial. Como consequência, alarmantes taxas de crescimento populacional começaram a ser projetadas. O que estava em jogo, alardeava-se, era o equilíbrio do meio ambiente e a estabilidade social, política e econômica mundial. Cientistas, economistas e autoridades de governos dos países desenvolvidos, ressuscitam as teorias malthusianas³ e lançam sombrias previsões em relação ao futuro da humanidade, caso não ocorresse um urgente controle demográfico. Essa preocupação era direcionada, particularmente, aos países não desenvolvidos da África, Ásia e América Latina. Imbricada nessa campanha antinatalista,

* O presente artigo está baseado em duas pesquisas: a primeira intitulada "A Medicalização da contracepção : conhecimento e autonomia. 1960-1970. Coordenada pela Profa^a Dra^a Joana Maria Pedro, realizada entre 1999 e 2001, financiada pelo CNPQ. A segunda no meu projeto de mestrado que tem por título "... denunciando os males do comunismo": Reader's Digest no Brasil e a cruzada anticomunista. (1960-1970)

** Mestranda do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista da Capes. Orientadora Profa^a Dra^a Joana Maria Pedro.

que percorreu o mundo, acentuadamente nos anos sessenta, estava o temor constante com o alastramento da doutrina socialista nos países considerados do Terceiro Mundo.

É interessante perceber que no pós-guerra ocorreu um incentivo ao aumento populacional, que resultou no chamado “baby-boom”, mas o final da década de 50 já sinalizava uma tomada de posição controlista. As análises de Foucault sobre o século XVIII podem ser aqui também aplicadas:

É desta forma, sem que as pessoas percebam, e através de campanhas, o governo vai agir diretamente sobre a população, que será, portanto, o fim e o instrumento do governo, aparecendo como sujeito e como objeto da ação, mostrando como o Estado tornou-se o *governo da população*.⁴

Preocupados com o *potencial subversivo da pobreza*, os países capitalistas, liderados pelos Estados Unidos, irão empreender campanhas a favor do controle da natalidade nos países pobres, amparando-se nas teorias malthusianas. Neste contexto, nenhum outro periódico defendeu de maneira tão intensa e evidente os interesses norte-americanos e capitalistas, como a revista *Seleções do Reader's Digest*.

Fundada nos Estados Unidos em 1922, na cidade de Nova York, por um casal de norte-americanos – Roy William DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace – iniciou suas atividades editoriais com a modesta tiragem de cinco mil exemplares e com rapidez se expandiu dentro e fora do país.⁵

Para o casal Wallace, o povo apreciaria artigos de interesse popular e atração geral, selecionados de livros e outras publicações e *condensados* de modo que pudessem ser lidos com rapidez e facilidade. Era a idéia de uma revista “digesto”: uma leitura de fácil assimilação. Muitos dos artigos originais, acreditavam, poderiam ser cortados em mais de 75 por cento de seu conteúdo e ainda continuar “retendo” a substância e o estilo do autor⁶ A revista era composta de 31 artigos de interesse duradouro, como afirmavam, destinados a leitura de um artigo para cada dia do mês. A forma compacta, o conteúdo simplificado e informativo conquistou e ampliou extraordinariamente o número de leitores a cada nova edição.⁷

“*The Reader's Digest*”, nome original da revista, nasceu de um projeto que consistia em selecionar o que a imprensa nacional e mundial havia lançado de mais interessante e reunir numa só edição. A revista era diferente de tudo que existia na época, a começar pelo formato. Era uma revista de “bolso” com índice na capa. Tão estranha para os padrões editoriais da época, que nenhum jornalista ou editor acreditou no sucesso do empreendimento. Porém, contrariando as previsões, tornou-se a revista mais lida no mundo.⁸ Em 1997, conforme edição comemorativa aos seus 75 anos de existência, seus exemplares estavam sendo publicados em 48 países e em 19 idiomas, inclusive com edições em Braille, alcançando a marca mensal de 100 milhões de leitores ao redor do mundo.⁹

A revista *Seleções* atingiu enorme sucesso no Brasil, particularmente nas décadas de 50 e 60, declinando paulatinamente nas décadas seguintes. Estas mudanças começaram a ser sentidas no início de 70 quando seus escritórios mudaram do Brasil para Portugal. Também foram fatores importantes a entrada de novos executivos, devido a avançada idade dos fundadores, e o surgimento de outras publicações no mercado.¹⁰ Apesar de ainda ser a revista mais lida nos Estados Unidos e continuar circulando normalmente nos outros países, inclusive no Brasil, perdeu muito de sua influência e características, assim como de sua vendagem.

A chegada da revista *Seleções do Reader's Digest* ao Brasil, aconteceu em fevereiro de 1942, em plena ditadura do Estado Novo e num cenário mundial conturbado pelo desenrolar da Segunda Guerra Mundial. Sua entrada no mercado editorial brasileiro foi saudada e aprovada por autoridades do governo de Getúlio Vargas, como o então Diretor-geral do DIP¹¹, Lourival Santos:

Os brasileiros recebem com o mais intenso regozijo esta nova edição do <Reader's Digest>, que muito poderá contribuir para desenvolver as boas relações entre os Estados Unidos e o Brasil, cuja amizade é tão antiga quanto a independência de ambas as nações e tem sido reforçada, no curso da história, por iniludíveis demonstrações de solidariedade e afeto. Que esta edição do <Reader's Digest> possa ser mais um elemento de aproximação, pela cultura e pelo espírito, do povo de duas nações, - a de Washington e a de José Bonifácio.¹²

Além de idealizar e propagar o modo de vida norte-americano, a revista *Seleções do Reader's Digest* informava aos leitores, em linguagem acessível, assuntos de interesse geral, como os últimos avanços científicos, especialmente da área médica. Foi pioneira na divulgação das pesquisas com hormônios sintéticos, que resultaram no lançamento dos modernos contraceptivos orais, popularmente conhecidos como “pílula”.

Há 42 anos surgia no mercado o primeiro anticoncepcional oral, chamado Enovid, produzido pelo laboratório Searle. A “pílula” foi desenvolvida pelos cientistas americanos Gregory Pincus e John Rock.¹³ Os contraceptivos orais surgiram num momento em que as mulheres aguardavam ansiosamente por um método mais simples e eficaz na prevenção da gravidez. Na década de 60, a inserção da pílula anticoncepcional no mercado mundial, modifica a história da contracepção no Brasil e no mundo. John Rock¹⁴, católico fervoroso, esperava, em vão, que a Igreja aceitasse o medicamento como um método “natural” de controle da natalidade: “Tenho esperanças de que será aceita pela minha Igreja, porque ela oferece apenas ao intelecto humano os meios de suprimir a ovulação. Contudo, os moralistas católicos que até agora se têm expressado publicamente não partilham meus pontos de vista.”¹⁵

O medo da explosão demográfica, nas décadas de sessenta e setenta, estava intrinsecamente relacionado ao receio da expansão comunista e nortearam toda uma política populacional dirigida aos países do Terceiro Mundo. Queremos ressaltar que as políticas populacionais tiveram como alvo às mulheres e, em seus corpos, foi centrada a medicalização¹⁶ da contracepção. As práticas contraceptivas, por muito tempo baseadas em tradição e transmitidas de forma privada, tornaram-se cada vez mais, alvo de políticas públicas. Segundo Michelle Perrot:

Até o século XIX, o Estado pouco intervinha, mas preocupava-se cada vez mais, controlando particularmente as famílias populares, suspeitas de não cumprir bem o seu papel. Ela deveria assegurar a gestação da sociedade civil e dos “interesses particulares” cujo bom andamento era essencial à estabilidade do Estado e ao progresso da humanidade.¹⁷

Seleções, além de divulgar os primeiros estudos com contraceptivos orais, acompanhou nessas décadas a discussão que ocorria em torno do assunto. Em artigo intitulado “A Verdade Sobre a Pílula” uma série de perguntas eram formuladas e respondidas, mostrando as vantagens e os riscos a que as mulheres estavam expostas. Mas, seu uso era incentivado: “Parece que o perigo previsto do uso da Pílula no presente momento é de molde a que as mulheres bem informadas o assumam com prazer.”¹⁸

A revista *Seleções* deu ampla cobertura ao “fenômeno” da explosão demográfica, através de uma série de artigos publicados em suas edições. Assumindo uma posição francamente favorável ao controle da natalidade, utilizou-se de uma linguagem alarmista, que previa um excesso populacional de proporções catastróficas antes do final do milênio: “Milhões de pessoas morrerão de fome, e dentro em breve. Devemos pensar nos sobreviventes, se os houver. Devemos presumir que esse “tempo de fomes” não determinará uma batalha termonuclear final e que o homem terá outra oportunidade”.¹⁹ Fica evidente no transcorrer da leitura dos exemplares de *Seleções*, que o temor do comunismo permeava o discurso da revista, como também o capitalismo era permanentemente exaltado. Segundo Lígia Maria Coelho Prado:

Seleções não é uma mera revista de entretenimento, pois foi idealizada como instrumento propagador de uma ideologia que partia do suposto de que a hegemonia mundial dos Estados Unidos seria o corolário natural do destino manifesto.²⁰

Em artigo publicado em maio de 1961, a revista expunha e reforçava este pensamento:

Nestes últimos decênios, os Estados Unidos tem derramado a sua generosidade e distribuído a sua competência técnica, animados de tal espírito e com tal prodigalidade como nunca se viu na história. O mundo raramente conheceu um povo tão amistoso e compassivo, tão cordial e ansioso por ser compreendido. Nem tão onipresente.[...] Concebidos como uma aventura material e espiritual, baseando-se nos mais altos princípios morais, deram a esperança de realização do secular anseio de uma sociedade perfeita; tornaram-se tanto para pobres e oprimidos como para idealistas a única prova da possibilidade de melhorar a condição do homem comum. [...] uma nação que é considerada como árbitro da moralidade, da prosperidade e da paz internacional.²¹

Desde seu lançamento no Brasil, em 1942, a revista *Seleções* acompanhava o desenrolar da Segunda Guerra Mundial, elegendo os nazistas e, posteriormente, os japoneses como “inimigos”. No pós-guerra, com a Guerra Fria, o inimigo eleito é “o comunista conspirador, terrorista, ateu, desumano e antidemocrático.”²² E este fantasma vai acompanhá-los pelos longos anos da Guerra Fria.

Observamos que os artigos produzidos pela revista *Seleções* no pós-guerra, tendo como tema a América Latina, não deixavam transparecer uma preocupação maior com o “perigo vermelho” nesta região. Mas, a partir da ascensão de Fidel Castro ao poder, este número vai aumentando gradativamente até se tornar uma constante em suas edições. Em outubro de 1959, já publicava: “Aviso a Washington : a América Latina é vital para o Hemisfério”, no qual alertava:

Quando terminou a Segunda Guerra Mundial, ao países latino-americanos, que vinham sendo mantidos na primeira linha da política externa dos Estados Unidos, se viram empurrados para segundo plano. [...] Compreendeu-se que a América Latina é de vital importância para que se prossiga a existência dos Estados Unidos como nação livre e próspera, e que sem um espírito de mútuo respeito e amizade os países latino-americanos poderiam afastar-se para o neutralismo, a americanofobia – ou ainda pior. (grifos meus).²³

Portanto, é a partir da Revolução Cubana, ou melhor, quando ela toma o caminho do socialismo, que o olhar dos norte-americanos e da revista voltam-se com particular interesse para a América Latina e, conseqüentemente, para o Brasil. No artigo “Como a América Latina pode salvar-se do Castrismo”, evidencia-se este fato:

Uma preocupação de qualquer pessoa ponderada hoje em dia é a de como poderia sustar-se o alastramento de uma revolução em Cuba. A revolução era há muito necessária. O mal é a maneira

pela qual Fidel Castro lançou sem necessidade a revolução aos pés do totalitarismo soviético. É evidente agora que os agentes de Havana e de Moscou estão agindo de comum acordo para subverter todas as outras nações latino-americanas. [...] Para gente doente e faminta, que vive na sua maioria em condições de grave injustiça, podem ser tentadoras as promessas comunistas e fidelistas.²⁴

A preocupação com o alastramento da doutrina comunista em território brasileiro, ligou-se à formação das Ligas Camponesas, que no relato da revista, estava ocorrendo na região Nordeste do Brasil. Acusavam o Deputado Francisco Julião, líder das Ligas, de ter visitado a China comunista, “provavelmente para receber instruções”.²⁵ Nessa época, Recife ficou conhecida como a capital comunista do Brasil. Esta região pobre e populosa oferecia todos os pré-requisitos para uma insurreição popular pró-castro. Este temor pode ser observado em artigo da revista Seleções de setembro do mesmo ano, onde comenta a posse do presidente Jânio Quadros:

Um dos maiores pontos de interrogação na América Latina atualmente é a grande e poderosa nação brasileira, o Brasil de Jânio Quadros. [...] Já estão acesas as fogueiras nos Estados do Nordeste flagelados pela seca, onde as Ligas Camponesas do discípulo de Castro, Francisco Julião, atacam propriedades e fazem distúrbios nas cidades. O desenvolvimento ou a extinção das ligas depende da possibilidade que tiver Jânio de utilizar os fantásticos recursos naturais do Brasil e por fim à penúria que aflige **sua população em vertiginoso aumento** (grifos meus).²⁶

Dentre os organismos internacionais voltados para a América Latina e que prestaram considerável “ajuda” ao Brasil, estava a Aliança Para o Progresso. Receosos com o aumento da população pobre brasileira e com o seu potencial revolucionário, destinaram vultosos empréstimos para o desenvolvimento da região Nordeste. A importância desta entidade para o desenvolvimento de programas de controle da natalidade nos países da América Latina, assim como de outros organismos internacionais, fica evidenciada num artigo da revista. Neste texto comenta os esforços da Aliança e da IPPF²⁷, objetivando a instalação de clínicas de Planejamento Familiar por toda a América Latina e acrescenta: “Serão necessários fundos substanciais... e grande quantidade de ajuda de fora discretamente prestada. Nada poderá concorrer mais para o bem-estar, não só da América Latina, mas também para todo o mundo livre”.²⁸

A ajuda “desinteressada e humanitária” foi tônica constante do discurso antinatalista da revista e do pensamento norte-americano que ela representava. O temor com a expansão comunista, intensificado pela Guerra Fria, motivou os Estados Unidos a promoverem programas de “fomento da prosperidade e do bem estar econômico em todo mundo”.²⁹ Essa ajuda materializou-se na forma de empréstimos destinados às regiões não desenvolvidas da África, Ásia e América Latina. Com o objetivo de modernizar estas regiões, foi criado em Washington, ainda em 1959, o “Comitê para o Desenvolvimento Econômico Internacional”. Frisavam que estes empréstimos seriam destinados, primeiramente, aos países onde era mais temida a infiltração comunista no momento. Argumentando, conforme relata a revista, que já havia pactos militares em excesso contra a agressão armada comunista, insistiam: “Precisamos é de mais pactos internacionais, que visem ao progresso econômico conjunto, para competirmos com o rápido progresso econômico do bloco comunista, que é organizado internacionalmente”.³⁰

Os partidários da limitação da natalidade, seguidores das teorias malthusianas, previam *uma série de abalos sociais*, em decorrência da fome e da pobreza. Por isso pregavam a necessidade de fomentar o desenvolvimento das nações pobres, o que faria aumentar a renda per capita e melhorar as condições de vida dessas populações. Partiam do princípio que a produção de um país, dividida pela população, dá o nível de vida.

Portanto, população menor, renda *per capita* maior. Numa das edições da revista, em 1963 – ano anterior ao golpe de estado que instalou a ditadura militar - o Brasil era nomeado e criticado por seu fraco desempenho econômico: “com a estagnação da economia, causada por intensa inflação, o crescimento da população ultrapassou o da produção, e a renda *per capita* caiu. [...] algumas famílias que vivem com o salário mínimo têm de 10 a 15 filhos, fora os que morreram em tenros anos.”³¹

A preocupação norte-americana com a crescente e “explosiva” população dos países do Terceiro Mundo, acompanhou vários artigos publicados pela revista *Seleções*. Nas campanhas demográficas empreendidas neste período, era notória a preocupação com a “qualidade” desta população que crescia vertiginosamente. Essas políticas vinham carregadas de idéias racistas e eugenistas, como é possível perceber:

Considerando englobadamente todos os países subdesenvolvidos do mundo, uma análise estatística realizada pela ONU, revela que neles a população está aumentando à razão de mais de o dobro do aumento verificado nos países adiantados. Daqui a 40 anos o mundo será 70% afro-asiático. Levando em conta mais alguns países latino-americanos, verifica-se que cerca de três quartas partes da população mundial estará habitando áreas hoje consideradas as menos desenvolvidas.³²

Uma das características da revista *Seleções* ao representar os episódios da Guerra Fria ou o problema da explosão demográfica, era a linguagem dramática e apelativa que empregava nos seus artigos, aparentemente, com o objetivo de impressionar e sensibilizar seus leitores. Muitas vezes utilizou-se de palavras “desqualificantes” na redação de seus artigos, como podemos observar neste trecho, onde mostra o aborto como conseqüência da falta de uma política de Planejamento Familiar:

No meio da noite, numa ruela escura de uma favela de Santiago, uma mulher com um xale preto por cima da cabeça bate furtivamente à porta do barraco de uma parteira. Tem apenas 28 anos de idade, mas aparenta o dobro. Já teve oito filhos, e agora, desesperada, está procurando abortar para evitar acrescentar o nono à **ninhada** (grifos meus) que ela e o marido não podem sustentar com um salário mensal mais ou menos equivalente a 25 000 cruzeiros.³³

Paul Erlich, autor do controvertido livro *The Population Bomb*, lançado nos anos sessenta, assinou um artigo da revista *Seleções* onde fazia uma série de sugestões para resolver o problema do descontrole populacional.

Afirmando, que se o homem se deixar multiplicar sem controle poderá tornar-se o *câncer* do planeta, assegurava que o controle deveria começar em casa. Portanto, os Estados Unidos deveriam dar o exemplo resolvendo seu problema demográfico interno, para depois promover um esforço mundial para deter a explosão demográfica. Enumera, então, uma série de medidas para reduzir a população norte-americana *indesejável*, embora admita serem “socialmente desagradáveis e politicamente irrealista”.

As medidas sugeridas são as seguintes: 1) Criação de uma comissão Federal de População com grandes verbas para propaganda, mostrando a relação existente entre o aumento da população e a qualidade declinante da vida; 2) leis tributárias para desestimular a reprodução. Deveria ser explicado à população que é irresponsabilidade social manter grandes famílias; 3) aprovação de leis federais que tornem o ensino do controle da natalidade obrigatório em todas as escolas públicas; 4) mudança na legislação eliminando leis que limitem o aborto; 5) O governo deveria concentrar a maior parte dos financiamentos destinados à pesquisa biomédica, em áreas relacionadas com o controle da população e ‘não em programas míopes de combate à mortalidade’, e acrescenta: ‘é

absurda a preocupação com a qualidade médica da vida enquanto não se resolve o problema da quantidade de vida.³⁴

Continuando o autor adverte que se todas essas medidas não forem suficientes para deter o crescimento desenfreado, o país deverá optar por uma forma de regulamentação compulsória da natalidade e sugere aplicar “um esterilizante de efeito temporário, que poderia ser acrescentado aos alimentos básicos ou ao abastecimento de água. Seria preciso tomar um antídoto para permitir a reprodução.”³⁵

Podemos observar na descrição acima uma utopia de classe dominante e, como diz Foucault em *Vigiar e Punir*, estas utopias têm o péssimo costume de serem colocadas em prática. Representam a arrogância desses intelectuais que “decidem” o que é melhor para o mundo, mesmo que isto signifique fazer morrer ou impedir que as pessoas nasçam.³⁶

Dentro deste clima, que podemos classificar como “histeria demográfica”, vozes de “bom senso” também se levantaram contrapondo-se às idéias pessimistas e alarmistas vigentes. *Seleções* publicava ambas opiniões em uma de suas edições, com o título “A Explosão Demográfica e o que Realmente Significa”:

Segundo os pessimistas, três quartos do mundo serão dominados por hordas famintas, procurando desesperadamente um punhado de arroz ou de milho. [...] nações mais fortes e mais esfomeadas farão guerra às nações mais fracas que porventura estiverem mais bem alimentadas. A água terá um valor inestimável. A China vermelha poderá provocar a Terceira Guerra Mundial num esforço desesperado por conseguir alimento para milhões que a povoam, e com isso destruir a maior parte da humanidade. [...] Os otimistas, por sua vez dizem que os cálculos sobre a população do futuro talvez estejam certos, mas que não são coisas com que nos devemos preocupar. O homem resolverá o problema da própria fecundidade como já resolveu inúmeros outros problemas. [...] espicaçados pela fome, os países atrasados esforçar-se-ão por produzir mais alimentos e fabricar alguns ainda desconhecidos. Os oceanos serão “cultivados” e conseguir-se-á água em abundância com a utilização da energia nuclear na dessalinização do mar.³⁷

O artigo acima mencionado foi um dos raros que retratou opinião diversa a da revista, dentro desta campanha antinatalista que *Seleções* abraçou, e que perpassou as décadas de sessenta e setenta do século passado.

Achamos oportuno pesquisar exemplares de *Seleções* da década de oitenta, para observar como a revista ainda tratava o tema. Constatamos no artigo “Quem tem medo da explosão demográfica?”, publicado em setembro de 1982, uma mudança no discurso:

Não obstante, as previsões demográficas inexatas e os erros embaraçosos cometidos durante a última década fazem-nos duvidar das previsões pessimistas atuais. Por exemplo, em 1976, de acordo com o Fundo das Nações Unidas para Atividades Populacionais, <as melhores estimativas demográficas> prevêem que a população mundial, no ano 2000, seja <cerca de sete mil milhões>. Em três anos apenas, esses números reduziram-se em quase mil milhões.³⁸

O artigo acima citado faz referências as previsões anunciadas pela própria revista, durante a campanha controlista, que a população mundial estaria em torno de oito bilhões de habitantes no ano 2000. Como sabemos no ano 2000 nascia na “Índia” o bebê seis bilhões.

A revista *Seleções do Reader's Digest*, uma literatura de massa, que obteve grande aceitação junto ao público leitor das diversas camadas sociais, colaborou para influenciar a opinião pública ao dar ênfase ao problema da explosão demográfica e suas conseqüências desastrosas.

Seleções acompanhava, paralelamente, os acontecimentos da Guerra Fria e o problema da explosão populacional. Como era sua característica, tomava conhecimentos

dos fatos através de outras publicações, lia, condensava e publicava, emitindo juízo de valor. Ao fazê-lo, impregnava seus artigos da ideologia que defendia.

Esta revista, cuja filosofia era “denunciar permanentemente os males do comunismo e as vantagens do sistema de economia livre”, foi de valiosa importância na divulgação dos interesses norte-americanos. Sua identificação com o “american way of life”, contribuiu para divulgar e propagar esta ideologia. Naqueles tempos de Guerra Fria, foi utilizada como mais uma “arma” norte-americana na disputa pela hegemonia mundial.

Esta ampla cobertura que a revista deu “ao perigo da explosão demográfica”, colaborou para criar e difundir uma atmosfera de apreensão, ou muitas vezes de pânico, tanto em relação ao crescimento excessivo da população, quanto ao perigo da dominação comunista. Ambos, no seu entender, colocavam em risco o futuro da humanidade.

Notas

- 1 COUGHLAN, Robert. Gente Demais! Que fazer? Seleções, RJ, p. 47-51, nº 219. Abril de 1960.
- 2 Novos adeptos das teorias de Thomas Malthus.
- 3 Thomas Malthus, economista inglês, nascido em 1798, defendia a tese de que a população mundial aumenta na proporção geométrica, enquanto a produção de alimentos cresce apenas em proporção aritmética. Assim, o aumento populacional seria sempre mais elevado que os meios de subsistências.
- 4 FOUCAULT, Michel. A governabilidade. In : Microfísica do Poder. RJ : Graal. 5ª edição.
- 5 História do Reader's Digest e de Seleções. Seleções, RJ, p.17-24, nº 1. Junho de 1942.
- 6 Wood, James Playsted. Of Lasting Interest : the story of the Rider's Digest. Garden City, New York : Doubleday & Company, 1967. p. 14.
- 7 BARTON, Bruce. Quarenta Primaveras. Seleções, RJ, p. 18-19, nº 241, fevereiro de 1962.
- 8 WOOD, James Playsted. op. cit. Cap. I e II.
- 9 How a little magazine went around the world. Reader's Digest, EUA, p. 12-22, september, 1997.
- 10 JUNQUEIRA, Mary Anne. Ao Sul do Rio Grande imaginando a América Latina em Seleções : oeste, wilderness e fronteira. (1942-1970). Bragança Paulista : EDUSF, 2000. p.30 e 31.
- 11 Departamento de Imprensa e Propaganda. Criada em 27 de outubro de 1939, por Getúlio Vargas, exercia censura à imprensa e funcionava também como máquina de propaganda oficial. Portanto, o DIP constituiu-se não só em órgão de controle da informação, pelo exercício da censura, como também em veículo de fundamental importância na criação de uma imagem favorável do governo e do presidente Getúlio Vargas junto à opinião pública. VER, MENDES, Oswaldo. Getúlio Vargas. São Paulo : Ed. Moderna, 1987.
- 12 EDITORES. O que dizem eminentes brasileiros sobre a Seleções do Reader's Digest. Seleções, RJ, contracapa, nº 1, fevereiro de 1942.
13. Pílula Anticoncepcional faz 40 anos. O Estado de São Paulo. Edição de 10/05/2000.
- 14 O Dr. John Rock, professor jubilado de ginecologia da Escola de Medicina de Harvard, dedicou quatro décadas ao estudo desse setor da medicina. Durante 30 anos ele foi diretor da Clínica de Fertilidade e Endocrinologia do Free Hospital for Womem, Massachusetts. Foi chefe do Rock Reproductive Study Center. Ver. Seleções, nº 239. 12/1961.
- 15 Idem.
- 16 O conceito de medicalização foi definido por primeira vez por ILIICH (1975), para designar a extensão das práticas médicas pelos meios dos cuidados médicos em todas as esferas e etapas da vida, nas sociedades modernas. O autor construiu uma crítica virulenta da medicalização evidenciando, que na maioria das vezes, desde o ponto de vista individual, é inútil e inclusive prejudicial. Apud. In. SCAVONE, Lucila. Género y salud reproductiva em América Latina. Cartago : Libro Universitario Regional, 1999. p. 17.
- 17 PERROT, Michelle. O Nó e o ninho. Veja 25 Anos. Ed. Abril, SP, p. 77, 1992.

- 18 LAKE, Alice. Pílula ou Não? Seleções, RJ, nº 314, p. 25-30. Março de 1968.
- 19 Idem.
- 20 Op. Cit. PRADO, Maria Lígia Coelho. Nota de Apresentação. In : JUNQUEIRA.
- 21 EREN, Nuri. Por que os Estados Unidos São Mal Compreendidos. Seleções, RJ, nº 232, p. 79-83. Maio de 1961.
- 22 JUNQUEIRA, Mary Anne. Op. Cit. P. 197.
- 23 MATTHEWS, Herbert L. Aviso a Washington: a América Latina é vital para o Hemisfério. Seleções, RJ, nº 213, p. 47-50. Outubro de 1959.
- 24 MARIN, Luiz Muñoz e ROBINSON, Donald. Como a América Latina pode salvar-se do Castrismo. Seleções, RJ, nº 245, p. 39-42. Junho de 1962.
- 25 Op. Cit. Seleções, nº 232.
- 26 Jânio – Nova Era Para o Brasil. Seleções, RJ, nº 236, p. 39-46. Setembro de 1961.
- 27 International Planned Parenthood Federation
- 28 MAISEL, Albert Q. Planejamento da Família e a América Latina. Seleções, RJ, nº 274, p. 45-51. Novembro de 1964.
- 29 HARD, William. Hoje As Nações Se Ajudam No Mundo Inteiro. Seleções, RJ, nº 202, p. 93-95. Novembro de 1958.
- 30 Op. Cit. Seleções, nº 202.
- 31 Op. Cit. Seleções, nº 274.
- 32 Op. Cit. Seleções, nº 219.
- 33 Op. Cit. Seleções, nº 274.
- 34 EHRLICH, Paul R. Explosão populacional: estará perdida esta batalha? Seleções, RJ, nº 327, p. 95-98. Abril de 1969.
- 35 Idem
- 36 FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir : o nascimento da prisão. Petrópolis : Vozes, 1984.
- 37 CANT, Gilbert. A explosão populacional e o que significa realmente. Seleções, RJ, nº 282, p. 77-79. Julho de 1965.
- 38 SIMON, Julian L. Quem tem medo da explosão demográfica? Seleções, RJ, nº 136, p. 19-22. Setembro de 1982.